

TESSITURAS DO JORNAL ESCOLAR NA PRÁTICA DOCENTE DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA LEITURA DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS

Msa.Alexsandra Souza Santos. Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina Aragão Araújo

Universidade Estadual da Paraíba. alexsandrasousa@fiepb.org.br

Resumo

O jornal é um recurso pedagógico que contribui para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e uma forma de contextualizar o currículo escolar. Com o jornal, o aluno tem em suas mãos a realidade social e cultural que fazem parte do seu cotidiano. A presente dissertação trouxe como abordagem temática o uso do jornal como ambiente de aprendizagem da leitura e da escrita. Trata, especificamente, do Projeto Jornal Escolar como estratégia pedagógica de incentivo e valorização da produção escrita dos alunos. O objetivo geral do nosso estudo foi o de analisar o uso desse projeto no processo de leitura e escrita e na prática docente, no contexto das turmas do 5º ano de uma escola municipal de Campina Grande-PB. Discutimos sobre a prática docente e a produção da leitura e da escrita na escola dos anos iniciais a partir do uso do jornal, tendo como referência o Projeto Jornal Escolar. O referido estudo foi classificado como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, por meio de um estudo de caso de uma escola pública de Campina Grande-PB, com entrevistas semiestruturadas realizadas com professoras dos anos iniciais do ensino fundamental I. Compreendemos e analisamos o uso do jornal como ambiente de aprendizagem por meio do Jornal Escolar nas práticas das docentes participantes da pesquisa. Concluímos que a mídia jornalística, no campo educacional, é um ambiente de aprendizagem da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Jornal Escolar. Leitura e escrita. Letramento. Processo de ensino e aprendizagem.

Introdução

A escola brasileira vive um dilema - as dificuldades que enfrenta para formar leitores e escritores autônomos e críticos. Nesse contexto, este trabalho tem como tema o uso do jornal na escola, numa perspectiva voltada para o letramento de crianças nos anos iniciais, enfocando a formação do professor e o cotidiano da sala de aula, como também uma análise metodológica e bibliográfica em torno do uso do jornal no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Soares (2011) afirma que vivemos hoje numa sociedade voltada para a informação e os avanços tecnológicos, em que a comunicação é um elemento-chave, quando se fala em educação e tecnologia, porquanto ambas, atualmente, são fatores importantes na intervenção social, e cada uma, com sua função, contribui para disseminar informação e construir conhecimentos - a educação, administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social, e a comunicação, responsabilizando-se pela difusão das informações.

O jornal é um instrumento que possibilita uma leitura dinâmica e compartilhada da realidade social contextualizada do aluno. É uma forma interdisciplinar de trabalhar a informação atualizada e promove discussões acerca do passado, do presente e de possibilidades para o futuro. Como veículo de informação e formação, tem se preocupado

com a questão educacional, porque é um elo entre a realidade empírica e o ensino formal e enriquece a prática pedagógica contextualizada com o currículo educacional.

Outro ponto a destacar é que escrever no jornal escolar é uma experiência de vida para os educandos, cuja escrita deve ser valorizada na escola, na sala de aula e na comunidade. Assim, o projeto auxiliará no uso social da escrita; na competência leitora e escrita; na formação cidadã dos alunos; no apoio à educação contextualizada; na percepção crítica da mídia e nos novos vínculos da escola com a comunidade.

O jornal escolar faz parte do projeto pedagógico de algumas escolas públicas da rede municipal, a partir de uma visão de educação integral que se sustenta na valorização da expressão do aluno e na perspectiva interdisciplinar a que se adéqua qualquer tipo de conteúdo. Nos jornais, uma poesia vale tanto quanto um artigo de opinião, e um texto manuscrito pode ser destaque da primeira página. Eles podem, eventualmente, circular sem nenhum critério rigoroso de um texto jornalístico, pois os próprios alunos escolhem o que é publicado, conforme seus interesses e pontos de vista.

Vale ressaltar que a participação de todos os estudantes é o ponto-chave da ideia de Freinet (1974), que defende o jornal na escola como um recurso adequado ao ensino e à aprendizagem da língua escrita, uma atividade pedagógica cuja realização seria a condição para as crianças se apropriarem dos conteúdos curriculares de uma forma contextualizada e significativa.

O uso do jornal é considerado como uma forma de trabalhar a leitura e a escrita como práticas sociais, isto é, fundamentadas no letramento, que também é um dos aspectos a serem tratados na pesquisa. Tratar de letramento, na aquisição da leitura e da escrita, faz-nos percorrer diversos caminhos. Primeiramente, entender que diferentes concepções de escrita solicitam práticas distintas, como um processo de interação entre sujeitos, em que os interlocutores constroem sentidos sobre suas trocas linguísticas.

A escolha por essa temática partiu da observação feita em sala de aula, da prática docente e da interação com os alunos que apresentavam, nos anos iniciais, dificuldades para ler e escrever. Com essas observações, sentimos que era preciso investigar como a escrita e a leitura se desenvolvem nesse período e de que modo a docente aciona novas metodologias de ensino. Foi quando surgiu na escola em que trabalhávamos o Projeto Jornal Escolar, que é o resultado de uma parceria entre a Secretaria do Município e a Alpargatas, da qual a escola pública, foco de nosso trabalho, faz parte. A partir da inserção do Jornal Escolar na escola campo de estudo e das experiências com esses jornais, na condição de diagramadora desse jornal, vimos a necessidade de propor um trabalho acadêmico em nível de Mestrado, em que

se discutisse sobre o uso metodológico do jornal na prática de leitura e de escrita em sala de aula, visando propiciar o letramento das crianças por meio da prática docente.

Assim, a presente investigação é de relevância social para o campo educacional, porque objetiva enfatizar o papel do Projeto Jornal Escolar como uma prática para a produção textual, numa perspectiva de letramento nos anos iniciais de escolas públicas de Campina Grande que aderiram a esse projeto.

O Jornal Escolar é um projeto do Programa Escola Ideal, idealizado e propagado pelo Instituto Alparagatas. A diretriz que rege a proposta desse jornal é de proporcionar a valorização da escrita dos alunos das escolas públicas, os quais são instigados a produzir textos para serem publicados em um informativo exclusivo da escola. O projeto tem o objetivo de acolher, incentivar e alimentar a expressão livre das crianças e dos adolescentes, por meio de um processo de aprender, para que possam adquirir competências leitoras e escritoras, de cooperação, criticidade e participação social.

Esse trabalho é inserido nas pesquisas de educomunicação, articula educação com comunicação e propõe o uso do jornal em sala de aula, nas práticas de leitura e de escrita, para desenvolver o letramento das crianças. A partir desse campo de estudo, focaliza a ação docente, o uso do jornal em sala de aula e concepções de leitura e de escrita.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender as práticas de leitura e de escrita por docentes do ensino fundamental, por meio do jornal escolar em uma escola pública de Campina Grande. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: discutir sobre a formação de professores no contexto das políticas educacionais e no cotidiano dos anos iniciais; analisar como o Projeto Jornal Escolar tornou-se importante no incentivo à leitura e à escrita na sala de aula do ensino fundamental I; refletir sobre a dimensão educativa do jornal na prática de letramento nos anos iniciais; entender como o jornal, como um recurso didático-pedagógico em sala de aula, pode ser um instrumento de produção escrita; verificar a repercussão do Projeto Jornal Escolar no contexto da escola e seus reflexos na prática docente e avaliar as experiências educacionais com o uso do jornal nas turmas dos anos iniciais de uma escola pública.

Metodologia

Em relação à abordagem metodológica, este estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, pelo fato de estar estudando um fenômeno social e humano, nesse caso, nossa sala de aula. Trata-se de uma análise de conhecimento e investigação, e não, de uma quantificação de informações. A etnografia aqui é devido à

observação e à investigação da ação docente com a utilização do jornal escolar no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma observação participante da escola campo de estudo, uma pesquisa documental acerca do Projeto Jornal Escolar e entrevistas semiestruturadas com as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental I. Depois de coletados, os dados foram analisados e discutidos, e os resultados das entrevistas foram relacionados com a teoria estudada, para atingir os objetivos e responder à problemática dada no início da pesquisa.

Resultado e Discussão

Nas práticas educativas das professoras, o nome do jornal com que elas trabalham é Diário do Aluno, que iniciou na escola em 2011, e cujo nome foi fruto de uma eleição em que todos os alunos deram sua sugestão de nomes, por meio de uma votação. Essa foi uma forma de enfatizar a cidadania e a atuação dos indivíduos como cidadãos com direito de escolha e opinião. Esse é o jornal da escola em que fizemos a pesquisa, que é uma conquista dessa instituição de ensino, resultado de empenho, esforço e criatividade dos professores, dos funcionários e dos alunos.

No decorrer da pesquisa, quando indagamos as professoras se elas foram preparadas para trabalhar a leitura e a escrita, as respostas foram diversificadas: “Sim, me preparei em cursos de formação, o PROFA, o Gestar e Pró Letramento, cursos promovidos pela prefeitura, não tive problemas para trabalhar leitura e escrita, também eu gosto muito de ler e escrever” (VIOLETA, 2013). Percebemos, nessa fala, que a preparação aconteceu na formação continuada, pois esses programas ocorrem depois da formação acadêmica e quando o professor está em sala de aula.

O que encontramos na prática é o professor sendo preparado, ao longo de sua carreira, como descreve a Professora Jasmim (2013): “Na verdade, participei de muitas formações, mas o que mais me preparou para trabalhar a leitura e a escrita foi meu gosto pelos livros, leio de tudo e sei o que levar para os meus alunos, tudo parte do que eles gostam”. Notamos algo diferencial nessa fala, no que concerne à formação docente. A professora participou de diversas formações, mas sua maior preparação é na prática, em sala de aula, e sua relação com a leitura e a escrita. Percebe-se, nesse comentário, que a formação inicial e a continuada foram necessárias para o desenvolvimento de uma prática pedagógica de qualidade.

Por essa constatação, que, a nosso ver, trouxe um impacto maior, compreendemos que há uma negação à formação inicial, e ela traz uma crítica já bem enfatizada no campo

educacional - a dicotomia entre teoria e prática. Ela nega as teorias e os métodos estudadas na Academia, afirmando que a universidade não prepara para a realidade da sala de aula. Gadotti (2002) e Freire (1992) debatem a propósito dessa argumentação de Lírio (2013), afirmando que, nos livros e na Academia, o professor vive um sonho, e quando se depara com a realidade, torna-se um pesadelo. Para eles, isso é um aspecto que leva professores a desistirem de sua profissão e a ingressar em outros ofícios.

Em termos gerais, é preciso investir mais na formação docente e oferecer uma formação inicial e continuada de qualidade para nós, professores, pois já não ocupamos um lugar na sociedade de forma secundária, mas primordial, já que somos responsáveis pela constituição de cidadãos sociais e prontos para a vida e para o mercado de trabalho, como declaram Tardiff e Lessard (2009). Essas comprovações das professoras nos fizeram entender toda a complexidade do trabalho docente em relação à formação, e a preparação inicial e continuada tem papel ímpar para o processo de ensino. E para os alunos entenderem que a escola é importante para a vida deles, o professor também deve acreditar nisso e passar essa certeza para seus discentes.

Advogamos a ideia de que a práxis docente acontece no espaço da escola, onde o docente vivencia a experiência de ser professor e os desafios dessa profissão, pois é no cotidiano que as relações pedagógicas entre alunos e professores se consubstanciam. É no cotidiano que a vida se desenvolve e que os sujeitos dialogam e estabelecem relações sociais e educativas.

No que se refere às questões relativas ao letramento, as professoras apresentaram diferentes posicionamentos, entre os quais destacamos as seguintes constatações: “Letramento, a febre do momento, tenho a concepção de letramento como uma teoria que valoriza o sócio cultural no processo de leitura. Não sei muito, apesar de ter passado por uma formação.” (LÍRIO, 2013)

Podemos concluir que, se o letramento não faz parte do entendimento das professoras, acreditamos que, na prática, e elas ensinam utilizando a concepção de letramento. Prova disso é o trabalho com o Jornal Escolar. Perguntamos às docentes se elas achavam que o Jornal Escolar tem a proposta voltada para o letramento. Sobre isso, veja-se este depoimento da Professora Violeta (2013):

Essas professoras precisam entender e por em prática o que Kleiman (2005) aborda, quando diz que a ação docente deve estar centrada na prática de letramento, e o professor deve ser um agente de letramento, um promotor das capacidades e dos recursos de seus alunos

e de suas redes comunicativas, para que participem das práticas de uso da escrita situadas nas diversas instituições.

No que diz respeito à proposta do Jornal Escolar, podemos afirmar que ele está centrado na concepção de letramento, porque prioriza os gêneros textuais vivenciados na conjuntura social, os temas para a escrita são voltados para a atualidade, e a escrita passa a ter um porquê e um para quê.

Os alunos sabem para que e por que estão escrevendo, e isso dá um caráter social ao ato de escrever. A proposta do Jornal Escolar é de fazer com que a criança faça uso social da escrita, isto é, uma didática centrada no letramento. Ele surgiu pelo fato de os alunos dos anos iniciais raramente terem oportunidade de fazer uso social da escrita e de seus textos não terem leitores. Então, dar sentido social à escrita do aluno é a principal contribuição da proposta do Jornal Escolar.

As professoras entrevistadas acreditam que escrever no jornal é uma experiência de vida para a criança, um fator de estímulo e motivação, pois suas opiniões e produções são valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade. De modo geral, elas compreendem o jornal como um ambiente de aprendizagem da leitura e da escrita, porque é uma forma de trabalhar com a realidade dos alunos e o currículo escolar. Elas confirmaram o que diz Cavalcanti (1999), que não basta levar jornais para a sala de aula, para que os alunos recortem gravuras e retirem palavras dos textos já escritos por outras pessoas.

Nesse contexto, as professoras falaram da motivação dos alunos em escrever para o jornal, “Sim, eles gostam de produzir para jornal, se sentem importantes. O bom que tudo eu faço brincando e com o jornal faço a mesma coisa, eu gosto de brincar com meus alunos, me sinto criança novamente e com o jornal não poderia ser diferente” (MARGARIDA, 2013).

Vimos, na expressão de Margarida, a alegria de ser professora. Ela ministra aulas brincando e viu no uso do jornal essa continuidade de ensinar e aprender brincando. Para ela, o projeto é uma forma lúdica de se ensinar, e a produção acontece porque eles gostam e querem produzir. Esse aspecto é muito importante, pois não há aprendizagem sem o querer do sujeito.

Ah! Isso sim é uma festa só, eles se animam, pois sabem que seus textos serão mostrados a todos. O ruim é ter que escolher, pois se a gente pudesse colocaria de todos. Mas, no começo do projeto não, eles não se entusiasmaram muito, foi preciso uma conversa e apresentação diferente do que era o jornal escolar. Hoje é tranquilo graças a Deus. (VIOLETA,2013)

Já essa professora mostra que, antes da motivação, houve a rejeição, o desestímulo. A docente teve que intervir. Isso comprova que a atuação do professor interfere sobremaneira no desenvolvimento de uma proposta como o Jornal Escolar, que precisa da ação direta dos alunos, e se eles não aderirem, não tem jornal produzido. Mas a mediação foi feita com eficácia, e as produções aconteceram. Hoje isso é motivação.

Observemos agora o depoimento dessa docente, em que ela demonstra que a motivação maior está em valorizar a escrita do aluno e reconhecer sua produção. Esse fator nos remete à pedagogia de Freinet (1976), que viu na utilização do jornal uma vantagem psicológica para os educandos, porque ver um texto escrito por você sendo publicado não tem nota que recompense, é uma satisfação que não se consegue explicar nem definir. Assim, o mundo das letras ganha vida e destaque no mundo.

Reconhecer uma produção, por menor que seja, beneficia sobremaneira o aluno. Nessa circunstância, a escrita deixa de ser uma obrigação para se tornar um ato espontâneo e contextualizado, e as cópias cedem lugar para um processo de construção e publicação do saber.

Eles se animam, gostam, quando a gente diz: saiu o nome de vocês no jornal, aí eles ficam muito felizes, se sentindo importante, né? Aí a escola toda vai ver o jornal, aí eles escrevem, aí perguntam: meu nome vai sair no jornal? Ai eu respondo se vocês fizerem direitinho e prestarem atenção, vai sim [risos]

Evidentemente, nem tudo foram experiências exitosas para essas professoras nem positivo no Projeto Jornal Escolar. Houve e ainda há dificuldades. Esse ponto foi perguntado às docentes na investigação, e elas coloram suas dificuldades no trabalho com o projeto.

Essas dificuldades demonstram que, para uma produção efetiva, são necessários uma preparação e um trabalho pautado num tempo que é preciso para a concretização do jornal. A efetivação do potencial do jornal escolar precisa de um pensamento orientador, pois o fato de publicarmos um jornal bonito e com muitas páginas não quer dizer que ele trouxe algum benefício para os alunos. Assim, como facilitador do processo de construção do jornal, o professor tem que ter uma postura política, porquanto não podemos aceitar que o projeto seja colocado como um programa de cumprimento de metas, pois, caso contrário, estaremos publicando no jornal para cumprir números. É certo que teremos aplausos, mas a contribuição para a formação leitora não vai acontecer.

Infelizmente um dos grandes desafios do trabalho com o Jornal Escolar na escola é a falta de adesão de todos os professores no desenvolvimento desse trabalho, porque a gente sabe a importância de um trabalho feito por toda comunidade escolar, como fazem uns

professores e outros não, o trabalho é quebrado, não tem uma sequência, então o professor do 1º ano trabalha, o do 2º não trabalha, o do 3º trabalha, então não fica aquele projeto coletivo como deve ser o Jornal Escolar também nós tivemos alguns problemas porque em diversos momentos, as crianças participam e realizam suas produções, no entanto, a gente não tem retorno desse jornal, tendo em vista que a digitalização e impressão é feita por outras pessoas em outro estado, pessoas que não estão envolvidas naquela escola (PROFESSORA JASMIM, 2013).

Essa dificuldade remete a um discurso já bem frequente, e quando se fala de educação, interação e do trabalho em equipe por parte dos professores, nem sempre há uma ação conjunta, visto que nem todos eles se envolvem com a proposta. Consequentemente, o desenvolvimento das atividades é prejudicado.

Dificuldades, tudo que a gente faz tem dificuldade, mas a minha principal dificuldade, é material didático para fluírem na escrita, sei lá, era para ser menos padronizado, mais livre, ao temas a gente deveria escolher e os prazos das edições mais longos. Se [parou] a gente não entregar no prazo já era, perde a edição. (MARGARIDA, 2013)

Um ponto importante a ressaltar é que o objetivo do jornal escolar não é de excluir, mas de incluir todos no mundo da escrita e da leitura. Obviamente, todos os textos não podem ser publicados na mesma edição, mas é importante que todos participem da produção e das atividades, mesmo que tenha seleção. Então, se bem trabalhados todos os passos e dependendo da mediação, toda a turma escreverá para o jornal, e o jornal escolar oportuniza a publicação de todos os textos, se não sai em uma edição, sairá em outra. Em relação à leitura e à escrita, foi questionado como o jornal escolar se tornou uma ferramenta que auxilia no processo de leitura e de escrita. Vejamos uma das respostas:

No começo, não vou negar que achei ruim, mas o Projeto Jornal Escolar é diferente, valoriza a escrita do aluno e o trabalho de nós, professores, claro! Depois vi meus alunos gostando de ler e escrever, com o tempo, nem precisava mais insistir nas atividades de leitura e escrita. Eles mesmos diziam “eita! Professora, esse texto já dá para o jornal”. Eu tive um aluno que era fora da faixa etária, tinha 16 anos e estava no 5º ano, não sabia ler e escrever com autonomia, e me perguntava “como fazer o grandalhão ler?” [risos]. E por incrível que pareça, o jornal escolar foi o que me ajudou. Hoje ele lê e escreve. (PROFESSORA LÍRIO, 2013)

Esse rapaz viu sentido em sua escrita e aprendeu a ler, a compreender e a contextualizar as produções textuais. Mais uma vez, comprovamos que uma leitura e uma

escrita centradas na prática discursiva conduzem o aluno a se desenvolver e a ter autonomia em suas habilidades linguísticas.

Assim, o trabalho com o Jornal Escolar, na sala de aula, estimula o hábito da leitura, favorece a qualidade das produções escritas e leva o aluno a refletir sobre elas, principalmente no momento da reescrita. Trabalhando com o gênero escolar, podemos diversificar e dinamizar as aulas de leitura e de escrita e formar alunos como produtores autônomos de suas produções. “O Jornal escolar é importante porque os alunos aprendem de maneira diferente, divertida e responsável” (PROFESSORA JASMIM, 2013).

Em relação ao envolvimento das docentes com o Projeto Jornal Escolar, digamos que é um ponto positivo, porque todas aderiram, mas o envolvimento é parcial, depende das experiências, da realidade da turma, da motivação dos professores e entra em jogo um conjunto de fatores. De modo geral, elas se envolvem, e as que se envolvem pouco sentem mais dificuldade de trabalhar com o jornal. Acreditamos que uma ajuda à outra, mesmo que os objetivos sejam outros.

A produção dos jornais é uma oportunidade de a escola estimular as crianças a se expressarem através de momentos educativos, em que elas exercem sua cidadania, na escolha do tema, na seleção e na divulgação dos textos e no compartilhamento dos exemplares. Várias dessas atividades colaboram com a função da escola em oferecer um desenvolvimento da oralidade e da argumentação.

Diante de tudo até aqui exposto e discutido, podemos dizer que o projeto jornal escolar tem contribuído satisfatoriamente para o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais, as professoras entrevistadas viram nessa proposta um meio de dinamizarem suas práticas e atingirem seus objetivos que estão centrados na formação de leitores e escritores autônomos e capazes.

Vimos que a escola apesar de suas limitações enquanto instituição pública tem lutado por condições de ensino e aprendizagem de melhor qualidade e que mesmo com o IDEB abaixo do esperado tem conseguidos resultados satisfatórios, como o do menino de 16 anos que aprendeu ler e escrever no 5º ano.

As professoras entrevistadas passam por problemas semelhantes aos da maioria das docentes, dificuldades na prática devido a uma teoria distante da realidade, desvalorização profissional e entre outros, mas elas tem superado isso com formações continuadas e desenvolvimentos de projetos e práticas didáticas inovadoras, assim, finalizamos essa tópico afirmando que ser professor é ser artista.

Conclusões

Estudar o jornal, como prática pedagógica, é uma forma de oportunizar uma reflexão sobre a formação de leitor, sua interação com o mundo social e cultural e as variadas formas de imprimir e expressar fatos. Assim, a leitura de jornal nos insere na nossa realidade, é um excelente meio de contextualizar o conhecimento. Assim, entendemos o jornal como um recurso didático para a informação atualizada, para a interdisciplinaridade, para um dinamismo e a criatividade em sala de aula, e o mais importante, a mídia jornalística auxilia o processo de formação da cidadania. O jornal é a produção da palavra de mundo, da significação e da representação da humanidade, onde a voz humana ganha um lugar.

Com este estudo, compreendemos que tudo é leitura, porque tudo exige compreensão. Utilizar o jornal em sala de aula é uma forma de provocar o conhecimento e de contribuir para a educação interagir com o seu momento histórico, cultural e social. Por isso, esperamos que ele sirva de motivação para que os professores insiram o jornal em suas aulas, porque acreditamos que terão excelentes resultados. Porém, para que os resultados sejam satisfatórios, os professores devem planejar bem e contextualizar o currículo escolar, porque, caso levem jornais para a sala de aula para meras leituras e discussões evasivas, não irão atingir o objetivo, mas reproduzir a prática tradicional de ensino. Nesse contexto, eles são os agentes mediadores e executores desse trabalho, pois o profissional de educação é o norteador e motivador de novas propostas na educação.

No Jornal Escolar, prevalece a expressão artística e espontânea dos alunos, e escrever passa a ser uma expressão artística, dos saberes, das vivências e das experiências da vida cotidiana. Em cada edição, o aluno põe em prática e no papel seus conhecimentos prévios e adquiridos ao longo do processo educativo.

Vimos, nas falas das professoras entrevistadas, que o Jornal Escolar tem contribuído para a prática docente e para o desenvolvimento dos alunos, no tocante à formação de leitores e escritores autônomos e fluentes. Isso é porque o Jornal Escolar é uma forma diferente de se trabalhar. Nele, o erro é o ponto de partida para a aprendizagem, a produção textual deixa de ser redação para ser expressão escrita, e o mundo das letras passa a ser algo com significado e útil, porque o maior problema da escola está na leitura e na escrita. Os alunos não conseguem ler e compreender nem escrevem com autonomia, porquanto não se sentem motivados para realizar isso. A verdade é que a escola é, talvez, o único lugar onde se escreve sem motivo, em qualquer lugar que visitamos, os textos têm a função de informar, formar e utilizar. Já na escola, lê-se e se escreve para obter um conceito avaliativo.

O Jornal Escolar é um projeto que, mesmo com limitações e dificuldades, tem trazido sucessos para as escolas públicas. Exemplo disso é a escola onde esta pesquisa foi realizada que, apesar dos problemas que enfrenta, os alunos têm conseguido adquirir a leitura e a escrita. O menino de 16 anos, do 5º ano, que não sabia ler nem escrever, vivenciou, no Jornal Escolar, sua oportunidade de ingressar na sociedade letrada e moderna do Século XXI.

Destarte, o aluno vai construindo seu próprio processo de escrita, em que as sequências didáticas são trabalhadas passo a passo e o ajudam a compreender os aspectos ortográficos e gramaticais da Língua Portuguesa. A reescrita amadurece o aluno como escritor, e a publicação e a divulgação levam para o escolar a cidadania, através das letras expressas no papel impresso.

Portanto falar de jornal e de escola é falar de educomunicação, a integração entre educação e comunicação que, juntas, formam uma pedagogia que vem permitir uma dimensão informatizada e contextualizada na educação. Vivemos no mundo da comunicação, e a escola não pode se isolar dessa realidade, porque a comunicação traz o mundo dos alunos para a sala de aula, e a cultura midiática trazida pelos educandos deve ser questão de ênfase no trabalho escolar. O processo de educomunicação está presente em nossas escolas há muito tempo, porém sua utilização como recurso midiático pedagógico se afluorou nos dias atuais. Oportunamente, a produção dos jornais escolares favorece a difusão da mídia em sala de aula e sua importância na sociedade do conhecimento.

Vimos, com esta pesquisa, que as dificuldades enfrentadas pelos professores ainda são as de muitos anos antes. As professoras entrevistadas nos ajudaram a entender a importância da formação inicial e continuada para a prática pedagógica, e mesmo que a prática seja primordial para a capacitação docente, a teoria ainda é a base. Notamos isso porque, para saber que a escola está com problemas, é preciso entender o que acontece, e isso só é possível com uma teoria estudada e analisada na prática.

No que diz respeito à formação de leitores, vimos que é preciso investir mais nisso, e os programas de capacitação precisam estar direcionados para a realidade de sala de aula, para que o que os cursos ensinam a esses docentes seja útil para a superação dos dilemas da escola pública. Entendemos também que a conjuntura atual exige um novo perfil de professor, o novo educador é o profissional que dá sentido ao conhecimento, que aprende em rede porque aprender a ensinar sozinho não dá resultados tão bons como os que se processa por meio de uma preparação coletiva. O novo docente instiga no aluno a vontade de aprender com uma didática voltada para o encantamento, porquanto as crianças, os jovens e os adultos precisam se reencantar pela escola.

Chegamos a uma consideração no sentido de que um pesquisador ao narrar os fatos ocorrentes em sala de aula está estudando sua própria prática, nesse caso, o professor, pois é ele quem conhece e entende o contexto escolar onde estão inseridos os acontecimentos educacionais. Ao pesquisar a escola, estamos estudando a realidade educacional, só que de forma ampliada e ressignificada. Em outras palavras, ao fazer pesquisa, estamos passando por um processo de teoria-prática, isto é, ação-reflexão. Por isso a pesquisa não teorizava sobre uma prática, ela era uma prática. Prática de investigação e intervenção pedagógica, de reflexão sobre um fazer que não segue um tempo linear e que nunca fica pronto, que está constantemente em transformação, que nos leva para lugares insuspeitos, para questões impensadas, que seguem o curso dos acontecimentos e das experiências. No entanto, quando procuramos estudar práticas docentes, passamos a refletir sobre nosso “fazer” pedagógico e conseguimos compreender bem mais o processo de ensino e aprendizagem do nosso cotidiano. É muito gratificante poder estudar a escola onde se trabalha e dar um retorno para ela.

Entendemos, então, que não é possível fazer pesquisa sem uma inquietação, sem algo concreto para se entender e encontrar caminhos para as soluções. Outra questão em destaque é referente ao fato de a pesquisa ser de cunho coletivo, pois não se faz uma investigação de forma solitária, o outro é de fundamental importância, portanto, a pesquisa exige autores e interlocutores.

Referências

- CAVALCANTI, Joana. O jornal como proposta pedagógica. São Paulo: Paulus, 1999.
- FREINET, Célestin. O Jornal Escolar. Lisboa: Estampa, 1974.
- GADOTTI, Moacir. A boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido. São Paulo: Cortez, 2012.
- KLEIMAN, Ângela B.(Org). (1995). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras.
- SOARES, M.(2003). Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica.
- TARDIFF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.